

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 018 12/05/2008 - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (12/05/08)	Recortes
<p>GRÃOS (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Feijão Carioca¹ - R\$ 110,00-140,00 / sc de 60 kg</p> <p>Milho² - R\$ 23,00 / sc de 60 kg</p> <p>Soja² - R\$ 42,00 / sc de 60 kg</p> <p>HORTALIÇAS³ (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Alface - R\$ 8,00 / cx de 7 kg</p> <p>Beterraba - R\$ 25,00/ cx 20 kg</p> <p>Cenoura - R\$ 17,00 / cx 20 kg</p> <p>Chuchu - R\$ 15,00 / cx 20 kg</p> <p>Couve Manteiga - R\$ 0,70 / (maço 500 g)</p> <p>Couve Flor - R\$ 22,00 / Dz</p> <p>Mandioca - R\$ 9,00 / cx 20 kg</p> <p>Morango - R\$ xxxx / caixa (04 cumbucas de 350 g)</p> <p>Pimentão - Campo R\$ 13,00; Estufa R\$ 15,00 / cx 12 kg</p> <p>Quiabo - R\$ 28,00 / cx 12 a 14 kg</p> <p>Repolho - R\$ 8,00 / sc 20 kg</p> <p>Tomate - R\$ 45,00 / cx 20 kg</p> <p>FRUTICULTURA³ (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Goiaba - R\$ 18,00/ cx 20 kg</p> <p>Maracujá - R\$ 1,00 / kg</p> <p>Tangerina Ponkan - R\$ 11,00 / cx 20 kg</p> <p>Limão - R\$ 9,00 / cx 20 kg</p> <p>PECUÁRIA</p> <p>Bovino</p> <p>Arroba⁴ - R\$ 72,00 Não Rastreado e R\$ xxxx Rastreado</p> <p>Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelrados)⁵</p> <p>- R\$ 480,00 a 500,00</p> <p>Leite</p> <p>Litro⁶ - Latão: R\$ xxxx ; Tanque: R\$ 0,75</p> <p>Suíno⁷ - Vivo</p> <p>Kg - R\$ 2,80</p> <p>Aves⁷ - Frango Vivo</p> <p>Kg - R\$ 1,51</p> <p>-- Galinha Caipira⁸</p> <p>Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 18,00</p> <p>Carneiro⁹</p> <p>Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50 ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$ 5,80</p> <p>Peixe¹⁰ (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Kg - R\$ 2,50</p> <p>Avestruz¹¹ - vivo</p> <p>Kg - R\$ 3,00</p>	<p>Alimento ficará caro por dez anos, diz especialista</p> <p>Mesmo com os esforços para aumentar a produção e o suprimento, os preços dos alimentos devem continuar altos por pelo menos dez anos, segundo o sueco Lennart Bäge, presidente do Fida (Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola), agência da ONU criada no fim dos anos 70 em resposta às crises alimentares da década na África. Na semana passada, o Fida anunciou a concessão de US\$ 200 milhões a agricultores pobres. Para Bäge, a chave para uma solução de longo prazo para a crise é dar condições aos países em desenvolvimento de recuperar a capacidade de produção.</p> <p>Fonte: Folha de São Paulo</p> <p>Condições favoráveis fazem de Cristalina (GO) a eldorado do grão</p> <p>O fim da estação chuvosa no Centro-Oeste, nos últimos dias de abril, marcou o início do plantio de trigo, especialmente em Cristalina, 160 quilômetros ao sul de Brasília, onde está a maior área irrigada da América Latina. O município virou uma espécie de novo eldorado do trigo porque se espalha por um platô acima dos 850 metros de altitude e, na estação seca, a temperatura fica quase sempre abaixo de 18 graus centígrados. A previsão é de que só em Cristalina serão cultivados nos próximos quatro meses 12 mil hectares de trigo de altíssima qualidade, com produção prevista de 72 mil toneladas.</p> <p>Fonte: Estado de São Paulo</p> <p>Crédito agrícola dispara nos bancos</p> <p>Diante de um quadro de maior demanda e encarecimento dos preços dos alimentos no cenário mundial, os bancos privados brasileiros têm ampliado sua atuação no crédito ao agronegócio, setor que passa por um momento de retomada de investimentos. Para este ano, o Santander - cuja carteira subiu 15% no primeiro trimestre, a R\$ 3 bilhões - pretende fechar 2008 em R\$ 4 bilhões, apostando em produtos diferenciados. A Nossa Caixa quer ampliar a carteira de R\$ 1,1 bilhão para R\$ 1,5 bilhão, e o Bradesco tem a intenção de emprestar mais R\$ 4 bilhões até junho.</p> <p>Fonte: DCI - Diário do Comércio & Indústria</p>

Área de pasto volta a crescer no País, mas abaixo do rebanho

A área de pastagem no Brasil voltou a crescer no ano passado, acompanhando o bom momento que vive a pecuária. Em 2007, por exemplo, a arroba do boi valorizou-se 37,9%. Segundo levantamento da Scot Consultoria, o País fechou o ano passado com 176,46 milhões de hectares ocupados com pasto, área 0,01% maior que em 2006. O índice só não foi negativo porque os estados do Norte impulsionaram o aumento da área destinada aos rebanhos, confirmando a tendência da década, de migração do plantel para aquela região. Destaque para o Pará, onde a variação foi de 4,39% apenas no ano passado. No mesmo período, o rebanho brasileiro, no entanto, encolheu 1,2%.

Na década, no entanto, o movimento é inverso. De 2001 para cá, a queda na área de pastagem no País é de 1,53% - naquele ano eram 179,20 milhões de hectares. Acredita-se que os 2,74 milhões de hectares perdidos tenham sido incorporados pela agricultura - grãos ou cana-de-açúcar, dependendo do estado. Mas, neste período, o rebanho brasileiro aumentou 13,96%, chegando a 201 milhões de animais, de acordo com os dados da consultoria, que usa os números oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). "Isso indica que o País está ganhando em produtividade", afirma a analista Maria Gabriela Tonini, da Scot Consultoria. Ele lembra, no entanto, que a retração do rebanho em 2007 ocorreu porque nos últimos anos o setor passava pelo chamado "ciclo de baixa", com preços em queda e abate de matrizes. Fato que começou a se inverter no ano passado.

PASTAGEM CAI, REBANHO CRESCE

Tendência do rebanho é crescer rumo ao Norte (variação em % de 2001 para 2007)

Estado	Boi	Pasto	Estado	Boi	Pasto
Bahia	4,94	-1,89	Rio Grande do Sul	-2,10	-4,96
Goiás	4,23	-2,19	Rondônia	70,11	8,20
Mato Grosso	28,71	-2,11	São Paulo	-2,65	-16,80
Mato Grosso Sul	4,22	-1,44	Tocantins	19,96	2,30
Minas Gerais	1,08	-3,07	Outros	16,52	4,37
Pará	61,88	17,35	Brasil	13,96	-1,53
Paraná	-0,84	-16,15			

Por isso, ela se mostrou surpresa com o resultado de 2007. "A gente pensou que a área de pastagem ia subir mais em função do preço melhor do boi", afirma. Isso porque, segundo ela, quando a atividade fica mais remuneradora, o pecuarista volta a investir. No entanto, a analista salienta que parte dos investimentos podem ter sido feitos em melhoria de produtividade. "Se ele incorporar tecnologia, maximiza os lucros e o retorno é maior", acredita Maria Gabriela. No início da década, por exemplo, cada hectare era ocupado, em média, por 0,98 animais. Hoje, quando se divide o tamanho do rebanho pela quantidade de pasto disponível chega-se a 1,13 bois por hectare.

A incorporação de tecnologia pode ser sentida, por exemplo, em estados que nos últimos anos tiveram perda de área para pasto mas, assim como na média nacional, aumentaram seus rebanhos. É o caso da Bahia, cuja pastagem diminuiu 1,89% e o rebanho aumentou 4,99% de 2001 até 2007. Mesmo em lugares onde a redução na quantidade de pasto foi significativa, como São Paulo, a queda no rebanho não foi proporcional. No período, a área de pastagem no estado caiu 16,8%, enquanto o rebanho diminuiu apenas 2,65%.

Maria Gabriela lembra que em estados como São Paulo, o que aumentou foi o confinamento. Assim como em Mato Grosso, onde a área destinada aos animais caiu 2,11% desde 2001 e o rebanho cresceu 28,71%. Hoje o estado tem o maior plantel nacional: são 25,64 milhões de bovinos.

O maior crescimento de área de pastagem e de rebanho no País ocorreu no Norte. No Pará, desde 2001, foram incorporadas 1,3 milhão de hectares. Na avaliação de Maria Gabriela, boa parte foi de área nova - que mais tarde pode se transformar em superfície destinada à agricultura. "Mas isso não significa que se desmatou para colocar o gado e, sim, que o animal pode ter entrado em área que já estava desmatada". O estado tem hoje 8,75 milhões de hectares para um rebanho de 17,88 milhões de cabeças - o que indica uma lotação animal acima da média do País: 2,04 animais por hectare. Em plantel, o maior crescimento percentual no período foi o de Rondônia: 70,11%, somando 11,23 milhões de cabeças. No mesmo período, a pastagem aumentou 8,2% - 4,78 milhões de hectares.

Ano passado

Quando a comparação é de 2007 em relação ao ano anterior, apenas três estados tiveram aumento da área de pastagem. Mais uma vez, com destaque para o Norte: Pará (4,39%) e Rondônia (1,3%). A surpresa foi o Paraná, com variação de 0,69%. Esse crescimento significou o retorno de 30 mil hectares às pastagens. "O estado não tem mais área para abrir. Foi área de agricultura que voltou a ser pastagem". No ano passado, o aumento no Pará significou 370 mil hectares incorporados à pastagem, incluindo-se áreas novas, de arroz e milho.

Por outro lado, houve uma queda expressiva em Mato Grosso. O estado perdeu no ano passado 500 mil hectares (2,35% menos). Na avaliação de Maria Gabriela, o bom momento dos grãos fez com que a competição fosse maior e, neste caso, soja e milho avançaram sobre pastagem. "Mas lá há uma tendência grande também de confinamento". Em São Paulo, 370 mil hectares foram incorporados à agricultura no ano passado - principalmente pela cana.

Fonte: Gazeta Mercantil